

*A Loba*  
Tradução do conto *La Lupa*, de Giovanni Verga  
Alcebiades Arêas  
Edvaldo Sampaio Belizário

## **A Loba**

Tradução do conto *La Lupa*, de Giovanni Verga

Alcebiades Arêas  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
alcebiades.areas@uerj.br

Edvaldo Sampaio Belizário  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
edvaldo.belizario@uerj.br

*E*ra alta, magra; tinha apenas os seios firmes e saudáveis das morenas, mas já não era tão jovem; era pálida como se estivesse sempre com malária e, naquela palidez, dois olhos enormes e lábios frescos e vermelhos que nos comiam.

Na aldeia, chamavam-na de *a Loba* porque nunca se saciava - com nada. As mulheres faziam o sinal da cruz ao vê-la passar sozinha como uma cadela, com aquele andar vadio e desconfiado de loba no cio; ela devorava os filhos e os maridos das mulheres em um piscar de olhos, com seus lábios vermelhos, e os atraía somente olhando-os com aqueles olhos satânicos, mesmo que estivessem diante do altar de Santa Agripina. Por sorte *a Loba* nunca ia à igreja, nem na Páscoa, nem no Natal, nem para assistir à missa, nem para se confessar. –Até o padre Angiolino de Santa Maria de Jesus, um verdadeiro servo de Deus, tinha perdido a alma por ela.

Maricchia, coitadinha, moça boa e prendada, chorava às escondidas porque era filha da Loba, e ninguém a tomaria como esposa, mesmo tendo um rico enxoval e um bom pedaço de terra, como qualquer outra moça da aldeia.

Uma vez *a Loba* se apaixonou por um belo rapaz, que tinha regressado há pouco tempo do serviço militar, e ceifava o feno com ela nas terras do tabelião, mas foi uma paixão daquelas, de sentir-se arder as carnes debaixo do fustão do

corpete e de sentir, olhando-o fixamente nos olhos, a sede que se tem nas horas quentes de junho, em meio à planície. Mas ele seguia ceifando tranquilamente concentrado nos feixes e lhe dizia: - O que houve, dona Pina? Nos campos imensos, onde crepitava somente o voo dos grilos, na hora mais quente do dia, *a Loba* empilhava feixes e mais feixes, punhados e mais punhados, sem se cansar nunca, sem se erguer por um momento, sem parar para beber, apenas para estar sempre nos calcanhares de Nanni, que ceifava sem parar e lhe perguntava de vez em quando: - O que a senhora quer, dona Pina?

Uma noite ela lhe disse, enquanto os homens cochilavam na eira, cansados da longa jornada, e os cães uivavam pelo vasto campo escuro: - Quero você! Você que é bonito como o sol e doce como o mel. Quero você!

- E eu, ao contrário disso, quero sua filha, que é solteira, respondeu Nanni rindo.

*A Loba* enfiou as mãos nos cabelos, arranhando as têmporas sem dizer uma palavra, e se foi, e nunca mais apareceu na eira. Em outubro, no entanto, voltou a ver Nanni, no período de extração do azeite, porque ele trabalhava ao lado da sua casa e o rangido da prensa não a deixava dormir por toda a noite.

- Pegue o saco de azeitonas, disse à filha, e venha comigo.

Com a pá, Nanni empurrava as azeitonas para baixo da moenda e gritava upa! Para que a mula não parasse – Você quer a minha filha Maricchia? Perguntou-lhe dona Pina. - O que a senhora vai dar pra sua filha Maricchia? Respondeu Nanni. - Ela tem os bens de seu pai e, além disso, eu dou pra ela a minha casa; pra mim basta que me deixem um cantinho na cozinha pra eu estender um colchão de palha. - Se é assim, podemos falar disso no Natal, disse Nanni. - Nanni estava todo engordurado e sujo do azeite e das azeitonas colocadas para fermentar e Maricchia não o queria de forma alguma; mas sua

mãe a agarrou pelos cabelos diante da lareira e lhe disse com os dentes cerrados:

- Se você não ficar com ele, eu te mato!

*A Loba* parecia estar doente e as pessoas andavam dizendo que o diabo, depois de velho, fez-se ermitão. Ela parou de perambular aqui e acolá; não ficava mais à porta de casa, com aqueles olhos de possuída. Quando ela o olhava fixamente no rosto, seu genro começava a rir e pegava o escapulário de Nossa Senhora para se benzer. Maricchia ficava em casa amamentando os filhos e sua mãe ia para os campos, para trabalhar com os homens, como se fosse um homem, arando, cavando a terra, cuidando dos animais, podando as videiras, quer soprasse o gregal, o levante de janeiro ou mesmo o siroco de agosto, quando as mulas deixavam pender a cabeça e os homens dormiam de bruços próximo ao muro do lado norte. Na hora da sesta, em que não circula nas ruas mulher honesta, dona Pina era a única alma viva que se via vagar pela lavoura, caminhando sobre as pedras quentes das trilhas, entre as palhas queimadas dos campos imensos que se perdiam no mormaço, bem longe na direção do Etna nebuloso, onde o céu se tornava carregado no horizonte.

- Acorde! Disse *a Loba* a Nanni que dormia no fosso, ao lado da cerca viva empoeirada, com a cabeça entre os braços. Acorde, que eu lhe trouxe vinho pra refrescar a garganta.

Nanni arregalou os olhos sonolentos, ainda meio adormecido, vendo-a de pé diante de si, pálida, com os peitos exuberantes e os olhos negros como o carvão e estendeu as mãos às apalpadelas.

- Não! Não circula nas ruas mulher honesta na hora da sesta! Soluçava Nanni, enfiando o rosto bem fundo na grama seca do fosso, com as unhas nos cabelos. - Vá embora! Vá embora! Não venha mais na eira!

*A Loba* ia mesmo, ajeitando as tranças grossas e olhando fixamente para onde pisava nas palhas quentes, com os olhos negros como o carvão.

*A Loba*  
Tradução do conto *La Lupa*, de Giovanni Verga  
Alcebiades Arêas  
Edvaldo Sampaio Belizário

Mas à eira ela voltou outras vezes e Nanni não lhe disse nada; e quando ela demorava a voltar, na hora da sesta, ele ia esperá-la no final da trilha de terra batida e deserta, com suor na testa; - e depois enfiava as mãos nos cabelos e lhe repetia todas as vezes: *Vá embora! Vá embora! Não volte mais na eira!* - Maricchia chorava noite e dia, e encarava a mãe com os olhos cheios de lágrimas e de ciúmes, tal qual uma pequena loba, sempre que a via voltar dos campos pálida e muda. - *Desnaturada! Dizia-lhe. Mãe desnaturada!*

- Cale a boca!

- *Ladra! Ladra!*

- Cale a boca!

- Falarei com o chefe da polícia, agora mesmo!

- *Vá, então!*

E foi mesmo, com os filhos no colo, sem nada temer e sem derramar uma lágrima, como uma louca, porque agora ela também amava aquele marido que lhe deram à força, engordurado e sujo das azeitonas colocadas para fermentar.

O chefe da polícia mandou chamar Nanni e ameaçou de levá-lo à prisão e até mesmo à força. Nanni pôs-se a soluçar e a arrancar os cabelos; não negou nada, não tentou se justificar. - *É a tentação! Dizia; é a tentação do inferno!* Atirou-se aos pés do chefe da polícia implorando para ele mandá-lo à prisão.

- Por caridade, senhor delegado, me tire desse inferno! Me mate, me mande pra prisão, não me deixe vê-la nunca mais! Nunca mais!

- Não! Respondeu *a Loba* ao chefe da polícia. Eu reservei um cantinho da cozinha pra dormir, quando lhe dei a minha casa como dote. A casa é minha. Não quero sair de lá!

Pouco depois, Nanni levou um coice de mula no peito e esteve à beira da morte; o pároco, no entanto, recusou-se a dar-lhe a extrema-unção caso *a Loba* não saísse de casa. *A Loba* saiu de casa e seu genro, então, pode se preparar para

*A Loba*  
Tradução do conto *La Lupa*, de Giovanni Verga  
Alcebiades Arêas  
Edvaldo Sampaio Belizário

morrer como bom cristão. Ele se confessou e comungou com sinais tão grandes de arrependimento e de contrição que todos os vizinhos e os curiosos choravam junto ao leito do moribundo. E teria sido melhor para ele se tivesse morrido naquele momento, antes que o diabo voltasse a tentá-lo e a se apossar da sua alma e do seu corpo quando ele tivesse melhorado. –Me deixe em paz! Dizia à *Loba*; por caridade, me deixe em paz! Eu vi a morte de perto! A pobre Maricchia não faz nada além de se desesperar. Agora todo o vilarejo já sabe! Quando eu não a vejo é melhor para a senhora e para mim...

E queria arrancar os próprios olhos para não ver os da *Loba*, que, quando encaravam os seus, faziam-no perder a alma e o corpo. Não sabia mais o que fazer para desvencilhar-se do feitiço. Mandou rezar missas pelas almas do Purgatório e foi pedir ajuda ao pároco e ao chefe da polícia. Na Páscoa, foi se confessar e publicamente se arrastou, lambendo por seis palmos o calçamento do pátio em frente à igreja, em sinal de penitência, e depois, como a *Loba* voltou a tentá-lo:

- Me escute! Disse-lhe, não volte mais na eira, porque se voltar a me procurar, juro por Deus, eu mato a senhora!

- Me mate, respondeu a *Loba*, porque eu não ligo; mas sem você eu não quero ficar.

Ele, ao avistá-la de longe, em meios aos campos verdes, parou de capinar a vinha e foi retirar o machado do olmo. A *Loba* viu que ele se aproximava, pálido e transtornado, com o machado brilhando ao sol, e não deu sequer um passo para trás, não baixou os olhos, continuou indo ao seu encontro, com as mãos cheias de feixes de papoulas vermelhas, e devorando-o com seus olhos negros. - Ah! Maldita seja a sua alma! Balbuciou Nanni.

## La Lupa

Era alta, magra; aveva soltanto un seno fermo e vigoroso da bruna e pure non era più giovane; era pallida come se avesse sempre addosso la malaria, e su quel pallore due occhi grandi così, e delle labbra fresche e rosse, che vi mangiavano.

Al villaggio la chiamavano *la Lupa* perché non era sazia giammai - di nulla. Le donne si facevano la croce quando la vedevano passare, sola come una cagnaccia, con quell'andare randagio e sospettoso della lupa affamata; ella si spolpava i loro figlioli e i loro mariti in un batter d'occhio, con le sue labbra rosse, e se li tirava dietro alla gonnella solamente a guardarli con quelli occhi da satanasso, fossero stati davanti all'altare di Santa Agrippina. Per fortuna *la Lupa* non veniva mai in chiesa né a Pasqua, né a Natale, né per ascoltar messa, né per confessarsi. – Padre Angiolino di Santa Maria di Gesù, un vero servo di Dio, aveva persa l'anima per lei.

Maricchia, poveretta, buona e brava ragazza, piangeva di nascosto perché era figlia della *Lupa*, e nessuno l'avrebbe tolta in moglie, sebbene ci avesse la sua bella roba nel cassettone, e la sua buona terra al sole, come ogni altra ragazza del villaggio.

Una volta *la Lupa* si innamorò di un bel ragazzo che era tornato da soldato, e mieteva il fieno con lei nelle chiuse del notaro, ma proprio quello che si dice innamorarsi, sentirsene ardere le carni sotto al fustagno del corpetto, e provare, fissandolo negli occhi, la sete che si ha nelle ore calde di giugno, in fondo alla pianura. Ma colui seguiva a mietere tranquillamente col naso sui manipoli, e le diceva: - O che avete, gnà Pina? Nei campi immensi, dove scoppiettava soltanto il volo dei grilli, quando il sole batteva a piombo, *la Lupa* affastellava manipoli su manipoli, e covoni su covoni, senza stancarsi mai, senza rizzarsi un

momento sulla vita, senza accostare le labbra al fiasco, pur di stare sempre alle calcagna di Nanni, che mieteva e mieteva, e le domandava di quando in quando: - Che volete, gnà Pina ?

Una sera ella glielo disse, mentre gli uomini sonnacchiavano nell'aia, stanchi della lunga giornata, ed i cani uggiolavano per la vasta campagna nera: - Te voglio! Te che sei bello come il sole, e dolce come il miele. Voglio te!

- Ed io invece voglio vostra figlia, che è zitella, rispose Nanni ridendo.

*La Lupa* si cacciò le mani nei capelli, grattandosi le tempie senza dir parola, e se ne andò, né più comparve nell'aia. Ma in ottobre rivide Nanni, al tempo che cavavano l'olio, perché egli lavorava accanto alla sua casa, e lo scricchiolio del torchio non la faceva dormire tutta la notte.

- Prendi il sacco delle ulive, disse alla figliola, e vieni con me.

Nanni spingeva con la pala le ulive sotto la macina, e gridava ohi! alla mula perché non si arrestasse. - La vuoi mia figlia Maricchia? gli domandò la gnà Pina. - Cosa gli date a vostra figlia Maricchia? rispose Nanni. - Essa ha la roba di suo padre, e di più io le dò la mia casa; a me mi basterà che mi lasciate un cantuccio nella cucina, per estendervi un po' di pagliericcio. \_ Se è così se ne può parlare a Natale, disse Nanni. \_ Nanni era tutto unto e sudicio dell'olio e delle ulive messe a fermentare, e Maricchia non lo voleva a nessun patto; ma sua madre l'afferrò pe' capelli, davanti al focolare, e le disse coi denti stretti: \_ Se non lo pigli ti ammazzo!

*La Lupa* era quasi malata, e la gente andava dicendo che il diavolo quando invecchia si fa eremita. Non andava più in qua e in là; non si metteva più sull'uscio, con quegli occhi da spiritata. Suo genero, quando ella glieli piantava in faccia quelli occhi, si metteva a ridere, e cavava fuori l'abito della Madonna per segnarsi. Maricchia stava a casa ad allattare i figliuoli, e sua madre andava nei campi, a lavorare cogli uomini, proprio come un uomo, a sarchiare, a

zappare, a governare le bestie, a potare le viti, fosse stato greco e levante di gennaio, oppure scirocco di agosto, allorquando i muli lasciavano cader la testa penzoloni, e gli uomini dormivano bocconi a ridosso del muro a tramontana. *In quell'ora fra vespero e nona, in cui non se ne va in volta femmina buona*, la gnà Pina era la sola anima viva che si vedesse errare per la campagna, sui sassi infuocati delle viottole, fra le stoppie riarse dei campi immensi, che si perdevano nell'afa, lontan lontano, verso l'Etna nebbioso, dove il cielo si aggravava sull'orizzonte.

\_ Svegliati! disse *la Lupa* a Nanni che dormiva nel fosso, accanto alla siepe polverosa, col capo fra le braccia. Svegliati ché ti ho portato il vino per rinfrescarti la gola.

Nanni spalancò gli occhi imbambolati, fra veglia e sonno, trovandosela dinanzi ritta, pallida, col petto prepotente, e gli occhi neri come il carbone, e stese brancolando le mani.

- No! non ne va in volta femmina buona nell'ora fra vespero e nona! singhiozzava Nanni, ricacciando la faccia contro l'erba secca del fossato, in fondo in fondo, con le unghie nei capelli. \_ Andatevene! Andatevene! non ci venite più nell'aia!

Ella se ne andava infatti, *la Lupa*, riannodando le trecce superbe, guardando fisso dinanzi ai suoi passi nelle stoppie calde, con gli occhi neri come il carbone.

Ma nell'aia ci tornò delle altre volte, e Nanni non le disse nulla; e quando tardava a venire, nell'ora fra vespero e nona, egli andava ad aspettarla in cima alla viottola bianca e deserta, col sudore sulla fronte; - e dopo si cacciava le mani nei capelli, e le ripeteva ogni volta: Andatevene! andatevene! Non ci tornate più nell'aia! - Maricchia piangeva notte e giorno, e alla madre le piantava in faccia gli occhi ardenti di lagrime e di gelosia, come una lupacchiotta



anch'essa, quando la vedeva tornare da' campi pallida e muta ogni volta. -  
Scellerata! le diceva. Mamma scellerata!

- Taci!

- Ladra! ladra!

- Taci!

- Andrò dal brigadiere, andrò!

- Vacci!

E ci andò davvero, coi figli in collo, senza temere di nulla, e senza versare una lagrima, come una pazza, perché adesso l'amava anche lei quel marito che le avevano dato per forza, unto e sudicio dalle ulive messe a fermentare.

Il brigadiere fece chiamare Nanni, e lo minacciò della galera, e della forca. Nanni si diede a singhiozzare ed a strapparsi i capelli; non negò nulla, non tentò scolarsi. - È la tentazione! diceva; è la tentazione dell'inferno! si buttò ai piedi del brigadiere supplicandolo di mandarlo in galera.

- Per carità, signor brigadiere, levatemi da questo inferno! fatemi ammazzare, mandatemi in prigione; non me la lasciate veder più, mai! mai!

- No! rispose però *la Lupa* al brigadiere. Io mi son riserbato un cantuccio della cucina per dormirvi, quando gli ho data la mia casa in dote. La casa è mia. Non voglio andarmene!

Poco dopo, Nanni s'ebbe nel petto un calcio dal mulo e fu per morire; ma il parroco ricusò di portargli il Signore se *la Lupa* non usciva di casa. *La Lupa* se ne andò, e suo genero allora si poté preparare ad andarsene anche lui da buon cristiano; si confessò e comunicò con tali segni di pentimento e di contrizione che tutti i vicini e i curiosi piangevano davanti al letto del moribondo. E meglio sarebbe stato per lui che fosse morto in quel tempo, prima che il diavolo tornasse a tentarlo e a ficcarglisi nell'anima e nel corpo quando fu guarito. - Lasciatemi stare! diceva alla *Lupa*; per carità, lasciatemi in pace! Io ho visto la

morte cogli occhi! La povera Maricchia non fa che disperarsi. Ora tutto il paese lo sa! Quando non vi vedo è meglio per voi e per me...

Ed avrebbe voluto strapparsi gli occhi per non vedere quegli della *Lupa*, che quando gli si ficcavano ne' suoi gli facevano perdere l'anima ed il corpo. Non sapeva più che fare per svincolarsi dall'incantesimo. Pagò delle messe alle anime del Purgatorio e andò a chiedere aiuto al parroco e al brigadiere. A Pasqua andò a confessarsi, e fece pubblicamente sei palmi di lingua a strasciconi sui ciottoli del sacrato innanzi alla chiesa, in penitenza, e poi, come *la Lupa* tornava a tentarlo:

- Sentite! le disse, non ci venite più nell'aia, perché se tornate a cercarmi, com'è vero Iddio, vi ammazzo!

\_ Ammazzami, rispose *la Lupa*, ché non me ne importa; ma senza di te non voglio starci.

Ei come la scorse da lontano, in mezzo a' seminati verdi, lasciò di zappare la vigna, e andò a staccare la scure dall'olmo. *La Lupa* lo vide venire, pallido e stralunato, colla scure che luccicava al sole, e non si arretrò di un sol passo, non chinò gli occhi, seguitò ad andargli incontro, con le mani piene di manipoli di papaveri rossi, e mangiandoselo con gli occhi neri. \_ Ah! malano all'anima vostra! balbettò Nanni.

## Referência

VERGA, Giovanni. *La Lupa*. 3ª. Ristampa. Milano: Mondadori, 1986, pp. 186-190, Volume Primo.